



## MISSÃO DE MULHER

Jovem prendada e linda, era a própria beleza,  
Rosa de inteligência e natureza,  
Viera de remoto povoado,  
Com tarefas de estudo e sonhos de noivado,  
E conquistara enorme simpatia...  
Fizera-se modelo e se reconhecia  
O ponto alto das exibições,  
Favorita do brilho em passarela,  
Pisando corações...

Ela encontra, por fim, num jovem rico e nobre  
A cortina de ouro em que se encobre.

Quatro anos de luxo nos salões  
Tornaram-na famosa e cada vez mais bela.

Certo dia, no entanto, inesperadamente,  
Uma carta lhe chega... Vem da vila  
Em que passara a infância humílima e tranquila,  
É da mãezinha que se diz doente...  
Falecera-lhe o irmão, seu único parente,  
Declarava-se triste e desolada,  
Incapaz de ganhar o próprio pão...

Rogava à filha proteção,  
Sentia-se sozinha e fatigada  
E, sobretudo, estava em luta insana,  
Pois era agora triste hanseniana.

A moça treme revoltada  
E, às súbitas, planeia  
O que admite por melhor medida;  
Não quer aquela mãe que a desnorteia;  
Detestaria ver-se diminuida  
Perante o homem que ama.  
Age arbitrariamente,  
Adita ao próprio nome um nome diferente  
Na rude inquietação que ela própria extravasa...  
E, mudando de casa,  
Permaneceu na expectativa...

Realmente, depois de algum tempo passado,  
Senhora hanseniana morta-viva  
Bate-lhe à porta, em tom desesperado;  
Servidores atendem, entretanto  
Ela quer ver a filha que ama tanto,  
Colhendo reiterada negativa.  
Mas sabendo-a sentada sobre o piso  
Que dava acesso ao grande apartamento,  
A própria moça surge, de improviso,  
A gritar-lhe, de ânimo violento:  
- Saia daqui, depressa! Vá-se embora!...  
Não conheço a senhora  
E caso aqui persista,  
Tenho a polícia à vista!...

- Filha, dize por que... -  
Exclamou a mulher agoniada, -  
Estarei eu assim tão deformada  
Que o seu olhar já não mevê?

*Não ficarei aqui, não lhe trarei perigo,  
Mas não vês que a maezinha está contigo?*

- A senhora não passa de embusteira, -  
Falou a moça, a gestos desumanos.  
- Minha mãe já morreu, há muitos anos...  
Velha tonta,  
Não sei como se fez aventureira,  
Mas a polícia vai tomar-lhe a conta...

*Minutos decorridos,  
Enquanto a pobre mãe chorava, angustiada,  
Uma ambulância veio em disparada  
E conduziu-a para um sanatório.*

*Trinta anos passaram sobre a cena,  
A filha desposara o jovem que a queria.  
O casal conjugava a fortuna e a alegria,  
Ele, o industrial, ela, a nobre senhora,  
E um filho nobre e forte  
Surgiu-lhes a brilhar  
Por tesouro do lar.  
Quanto à pobre mulher deixara a enfermaria,  
Conseguiu curar-se,  
Mas não mostrava mais a face antiga,  
Era triste velhinha sem disfarce,  
Desditosa mendiga...  
Conhecida por velha hanseniana,  
Já sofrera de sobra a zombaria humana...  
Morava numa furna abandonada,  
Não distante da fábrica de tubos  
E outros artigos de eletricidade  
De que o neto distinto era dono e gerente...*

*Sabendo-se que fora humilhada e doente,  
Cobria-se com capa esburacada*

*E, lembrando uma sombra a pervagar na estrada,  
Pedia aqui e ali, um socorro qualquer...  
Mas em torno da fábrica era o ponto  
Em que a infeliz mulher  
Parecia um rondante, atento e pronto,  
A observar o que passasse...  
Se encontrava o gerente, face à face,  
Dizia, constrangida: - Uma esmola, doutor!...  
Intrigado o rapaz notava aqueles olhos  
Que o miravam, mostrando imenso amor...  
Dava-lhe algum dinheiro, atento a isso,  
Depois seguia adiante  
Mergulhando a atenção em seu próprio serviço...*

*Seguia o tempo em marcha regular,  
Quando veio a estourar  
Na fábrica tranquila  
Um grande movimento  
De protesto violento,  
Que englobava, por si, todo o operariado...  
A gerência estudava ação conciliadora  
E os conflitos surgiam, lado a lado.*

*No ápice da luta,  
A velhinha cansada, dia-a-dia,  
Observa a extensão da rebeldia,  
Mantendo-se, de guarda, ao pé das oficinas,  
Qual um posto de escuta.*

*Certa noite, enxergou dois delinquentes  
Quando os vigias cochilavam fora,  
Agiam, sem que a vissem trêmula e calada...  
Uma porta se arromba  
E os dois, dentro da fábrica isolada  
Colocam grande bomba,  
No intuito de gerar perturbação,*

*E fogem, assustados, do recinto...*

*Ela entra em ação,  
Obedecendo ao próprio instinto...*

*O estopim fumegava... Ela, porém,  
Sem o concurso de ninguém,  
Toma nas mãos o engenho destruidor.  
Avança sem temor,  
Sai pela porta afora,  
Correndo sem a mínima demora,  
Mas, antes que atirasse a bomba ao chão,  
Dá-se a grande explosão.*

*A fábrica salvara-se.  
Ela, porém, tombara  
Mortalmente ferida...*

*Faz-se tumulto, em torno... Eis o chefe a chegar...  
Reconhece a velhinha e determina  
Que ela seja tratada  
Por valente heroína...*

*Foi no hospital a derradeira cena.  
Finava-se a velhinha devagar,  
Mostrando no semblante a beleza serena  
De quem transmite a paz no próprio olhar...*

*Eis que, em dado momento,  
Ela percebe vozes e alarido;  
Ao formoso aposento  
O gerente trouxera os pais com garbosa alegria;  
Deviam ver a pobre que morria  
E que o amara tanto...*

*O casal aproxima-se... A senhora  
Treme ao reconhecer a mãe que rejeitara outrora...*

*Enquanto filho e pai conversam à distância,  
Ajoelha-se a filha, ante a mulher que morre...  
Ela pede perdão no pranto que lhe escorre  
Dos olhos espantados...*

*Contudo, a agonizante ao percepê-la,  
Ciciou as palavras: - Minha estrela!...  
Ouvindo-a soluçar,  
Consegue novamente sussurrar:  
- Filha do coração, Jesus a trouxe aqui...  
Depois disse ao cair, em profundo torpor:  
- Não chores, meu amor,  
Eu nunca te esqueci...*

*Lá fora, o Sol, em tudo, era vida e esplendor,  
Parecendo dizer na própria chama  
Que, desde a luz dos Céus aos abismos da lama,  
Deus, em todo o Universo, é a Presença do Amor.*

